

O paradigma da informação na era da globalização

Texto apresentado no GT de Teoria da Comunicação do INTERCOM 96.

EM MINHA imaginação o local ideal para esta comunicação seria uma biblioteca. Eu teria gostado de celebrar o ritual e, de certa forma, é o que vou tentar fazer aqui, procedendo como se faz nas cerimônias religiosas, pela leitura de um Livro. Não para dele extrair informação, porém para harmonizar nosso espírito, como fazem as litanias:

“O universo (que outros chamam a Biblioteca) constitui-se de um número indefinido, e quiçá infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por varandas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêm-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte estantes, em cinco longas prateleiras por lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal. Uma das frentes livres leva a um saguão estreito, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas. À esquerda e à direita do saguão, há dois sanitários minúsculos. Um permite dormir em pé; outro, satisfazer as necessidades fecais. Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva para o longe. No saguão há um espelho, que duplica as aparências fielmente. . . . A cada um dos muros de cada hexágono correspondem cinco prateleiras; cada prateleira encerra trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro é de quatrocentas e dez páginas; cada página, de quarenta linhas; cada linha, de umas oitenta letras de cor preta. Também há letras no dorso de cada livro; essas letras não indicam ou prefiguram o que dirão as páginas. Sei que essa inconexão, alguma vez, pareceu misteriosa. . . . Há quinhentos anos, o chefe de um hexágono superior depa-

Linda Bulik

Professora Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR)

rou com um livro tão confuso como os demais, porém que possuía quase duas folhas de linhas homogêneas. Mostrou seu achado a um decifrador ambulante, que lhe disse que estavam redigidas em português; outros lhe afirmaram que em iídiche. Antes de um século pôde ser determinado o idioma: um dialeto samoiedo-lituano do guarani, com inflexões de árabe clássico. Também desvendou-se o conteúdo; noções de análise combinatória, ilustradas por exemplo de variantes com repetição ilimitada. Esses exemplos permitiram que um bibliotecário de gênio descobrisse a lei fundamental da Biblioteca. . . . Asseguram os ímpios que o non-sens é normal na Biblioteca e que o razoável (e mesmo a humilde e pura coerência) é quase milagrosa exceção. Falam (eu o sei) de "a Biblioteca febril, cujos perigosos volumes correm o incessante risco de transformar-se em outros e que tudo afirmam, negam e confundem como uma divindade que delira". Essas palavras, que não apenas denunciam a desordem como também a ilustram, provam, evidentemente, um gosto detestável e uma ignorância sem remédio. Com efeito, a Biblioteca inclui todas as estruturas verbais, todas as variantes que permitem os vinte e cinco símbolos ortográficos, porém nem um só non-sens absoluto. . . . Falar é incorrer em tautologias. Esta inútil e prolixa epístola que escrevo já existe num dos trinta volumes das cinco prateleiras de um dos incontáveis hexágonos – e sua refutação também. (Um número n de linguagens possíveis emprega o mesmo vocabulário; em alguns dicionários, o símbolo Biblioteca admite a correta definição sistema universal e permanente de galerias hexagonais, mas Biblioteca é pão ou pirâmide ou qualquer outra coisa, e as sete palavras que a definem têm outro valor. Tu, que me lês, estás seguro de entender minha linguagem?)"

Que assim seja!

Essa passagem de Jorge Luis Borges refere-se, como se sabe, a Biblioteca de Babel concebida como imagem e modelo do Universo.

Um exemplo que Umberto Eco (1981) usou para explicar como funciona um código referia-se a "um código muito elementar de quatro cifras para uma classificação de livros em que o primeiro algarismo indica a sala, o segundo a galeria, o terceiro a prateleira na galeria e o quarto a posição do livro na prateleira donde uma indicação como 3, 4, 8, 6, significa: terceira sala entrando, quarta galeria à esquerda, oitava prateleira, sexto lugar."

Após isso Eco se deu conta que mesmo com um código tão elementar pode-se fazer "jogos interessantes":

"Pode-se escrever, por exemplo, 3335, 33335, 33335, 33335, 33335, e eis a imagem de uma biblioteca de salas incontáveis: cada sala tem uma forma poligonal, aproximativamente como os olhos de uma abelha, onde pode haver de 3.000 a 33.000 galerias desafiando a força da gravidade já que se encontram conjuntos inteiros de prateleiras inclusive nas galerias superiores; e essas galerias que ultrapassam 33.000 são enormes posto que podem acolher 33.000 prateleiras e estas são imensas pois podem acolher 33.000 livros e até mais."

Trata-se de uma biblioteca possível ou pertence apenas a um universo imaginário? Não importa. A biblioteca fantástica pode muito bem ser a metáfora de um mundo planetário e do paradigma da informação e comunicação que rege uma sociedade pós-industrial, sociedade dita informacional ou sociedade de serviços, na qual o consumo midiático ganharia proporções inesperadas.

O paradigma da informação – à imagem e semelhança da Biblioteca de Babel – estaria atuando como a flecha do tempo e marcando o advento de um novo ciclo na história da humanidade.

Novo ciclo na história da humanidade ou simplesmente uma nova ordem mundial?

Gostaria de analisar esta questão com vocês porque me ocorre pensar que há muito de realismo fantástico e até de alienação na construção mental desse paradigma. Primeiro, nas ciências da comunicação, existem dois modos de representar um paradigma: a) o mais comum é referir-se à teoria que serve como modelo de análise dos fenômenos comunicacionais. Fala-se, por exemplo, de “paradigma dos efeitos”; b) outra maneira é acentuar não a teoria em si mas a abordagem que lhe serve de base ou a disciplina que lhe dá origem. E, nesse caso, temos os paradigmas antropológico ou culturalista, sociológico, semiológico-semiótico, lingüístico, econômico, cibernético, etc. Com a globalização e o advento das NTIC “haut de gamme”, altamente sofisticadas, parece estar emergindo um terceiro modo: c) paradigma estaria designando não uma teoria, mas sim o pattern que explica e perpetua a civilização e a cultura.

Essa última tendência parece estar emergindo aqui e lá sem que ainda tenha sido enunciada nestes termos. Ora, o paradigma que norteia o atual ciclo da história é o econômico. Ainda é muito cedo para estimar a real dimensão da informação e comunicação na constituição de um padrão civilizatório e cultural. Tentativas, nesse sentido, não passam de futurologia.

Achamos mais acertado dizer que se trata de uma nova ordem mundial e que está também em marcha uma nova ordem informativa. Ela reflete no campo informacional e comunicacional as premissas da nova ordem econômica, que possui seus mecanismos reguladores de controle. Podemos dizer que a comunicação hoje reverbera sobre o plano econômico. Ela será determinante no processo civilizatório? Ainda não sabemos.

Nas sociedades primitivas reinava o potlach – um sistema de trocas do qual dependia a própria sobrevivência dos indivíduos e que segregava um pattern. O presente era a forma de manter a adesão do indivíduo ao grupo. X presenteava Y com um cavalo? Y

ficava seu devedor e retribuía (não no dia seguinte mas num tempo regulado pelas leis da sociabilidade de então) com um pedaço de terra. X deveria retribuir o presente e o processo continuava até que uma das partes não podendo mais retribuir se via na condição de ter de deixar o lugar. Este sistema foi substituído por outro calcado na moeda, no padrão econômico: “o capitalismo como um modo de produção material e espiritual, simultaneamente nacional e internacional, a rigor um processo civilizatório universal” (Ianni 1992:51).

Assim sendo, o chamado paradigma da informação deve ser contextualizado não só à luz de uma nova ordem mundial econômica, informacional e comunicativa mas também da globalização.

Um outro aspecto relevante que gostaria de verificar aqui com vocês é a percepção que se tem do fenômeno da globalização e que se cristaliza ora numa visão essencialmente informativa, ora numa visão economicista e, por fim, a visão de sociabilidade.

A comunicação corresponde a um movimento amplamente transnacional e participa da tendência à globalização, dependente da ação dos Estados dominantes e das grandes firmas multinacionais em busca de saídas para seus novos produtos.

Para Octavio Ianni (1992:33), “talvez se devesse dizer que terminou um ciclo particularmente importante de lutas de classes, em escala nacional e internacional. Mas não terminaram as desigualdades, tensões e condições que estavam e continuam a estar na base da vida das nações e continentes. Esse pode ser apenas um ponto de inflexão histórica, assinalando o fim de um ciclo e o começo de outro.”

Renato Ortiz (1994) emprega global para se referir a “processos econômicos e tecnológicos” e mundial “ao domínio específico da cultura”. Para ele (31), uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou. Isto não significa, porém, que o traço comum seja sinônimo de homogeneidade. Em sua refle-

xão, Ortiz (1994: 32-33) contribui também com a identificação de uma dicotomia: aquela que permite diferenciar entre pattern e standard. "Uma civilização promove um padrão cultural sem com isso implicar a uniformização de todos. Uma cultura mundializada secreta também um pattern. . . e possui uma especificidade, fundando uma nova maneira de "estar no mundo", estabelecendo novos valores e legitimações". (1994:33)

Ianni (1992:114-125) detecta "uma fantástica aldeia global, em que se dispersa uma imensa multidão de solitários, inventada pelo alto, satelitizada, eletrônica, desterritorializada. . . . A globalização não apaga nem as desigualdades nem as contradições que constituem uma parte importante do tecido da vida social nacional e mundial".

Estaríamos diante de uma revolução informacional? Entramos, enfim, no que Daniel Bell havia anunciado nos anos sessentas, a saber "a sociedade da informação"?

A esta questão responde Bernard Miége (1995):

"A 'sociedade da informação' é tão impensável hoje quanto ontem. Uma coisa de fato é revelar mudanças significativas e mesmo ver emergir novos 'paradigmas', outra coisa é concluir pela passagem a uma nova era da história das sociedades humanas, a menos que se reitere os erros de alguns pensadores retomando pouco ou muito as teses de M. McLuhan, e que fazem das modalidades da comunicação o critério principal de delimitação dos modos de produção.

É verdade que mudanças "significativas" estão em obra: a informação e a comunicação são um elemento-chave da racionalização produtiva, tanto nas relações que se estabelecem entre firmas deslocalizadas (no Terceiro Mundo) e firmas doadoras de ordens, que na reorganização das relações entre o abaixo e o acima, entre a distribuição e as cadeias

de produção, lá onde se trabalha segundo os sistemas dos "fluxos tensos"; o informacional e o industrial são aliás cada vez mais difíceis de dissociar quando a informação escapa à esfera mercantil; a informação (e a comunicação) são igualmente um meio cada vez mais utilizado para controlar o trabalho e até mesmo a vida privada; e enfim, observamos uma divisão cada vez mais clara entre aqueles que dispõem das informações estratégicas e da formação de um lado, e aqueles que executam, por outro lado, em situação cada vez mais precária e às margens da exclusão (no Norte como no Sul).

Estas considerações . . . , porém, parecem-me que elas conduzem sobretudo a insistir na interpenetração entre as atividades industriais e as atividades informacionais, mais que na substituição das primeiras pelas segundas. Colocando-se na proximidade dos centros de negócios e de pesquisa das grandes metrópoles dos países dominantes, podemos certamente ter a impressão que doravante o informacional afirmou sua supremacia, mas é evidentemente uma impressão enganosa. Os elementos de continuidade com a sociedade industrial capitalista não devem ser subestimados, eles permanecem muito pregnantes, inclusive lá onde a produção está em vias de automatização."

Para Bernard Miége é o "déficit da teoria que explica o ressurgimento regular das teses insistindo sobre a ultrapassagem da sociedade industrial e o surgimento de uma sociedade da informação."

Três conclusões, de acordo com Miége, podem desde já serem tiradas:

1. O que se nota não é a emergência da "aldeia global", mas a participação ativa da comunicação na recomposição dos territórios;

2. Mesmo se o paradigma comunica-

cional intervém cada vez mais no conjunto das atividades sociais, é errado fazer-lhe corresponder "efeitos" diretos, e por conseguinte facilmente identificáveis;

3. As técnicas de informação e de comunicação revelam-se efetivamente ser um poderoso "ativador" das mudanças sociais, porém, mais que produzi-las, elas de fato as acompanham e as favorecem.

Elas se inserem nas relações sociais existentes e ajudam na "modernização", porém por mais consensuais, leves e flexíveis que possam parecer, elas não podem se abstrair das cartadas (econômicas, políticas, etc.) que aí se jogam.

Sociedade informacional parece ser, assim, uma dessas expressões inadequadas. Tudo indica tratar-se de um engodo à semelhança do termo "cultura de massa" criado para fazer crer que se tratava de uma forma contemporânea de cultura popular, mas que na realidade servia e serve ainda para promover do alto a integração deliberada dos consumidores da Indústria Cultural.

Alguns pesquisadores, como Maria Nazareth Ferreira (1995:32) detectam no processo de globalização uma direção homogeneizadora "propícia e necessária à expressão do projeto neo-liberal". Isto porque ela pensa em termos de uma cultura transnacional, que "penetrando através do tecido social, está condicionando o comportamento das sociedades." Mas o fato é que o contrário também avera-se ser um fato. A existência de uma pluri-culturalidade buscada por grupos que estão distantes do processo da indústria cultural e que em hipótese alguma pode-se dizer deles que são comandados do alto... Ocorre que toda ação implica reação. Ao projeto neo-liberal de formatação da cultura, a resposta se faz sentir quer na ação consciente de grupos existenciais quer "na visão insurgente de identidade cultural" dos "poetas, artesãos, brincantes e músicos" da América Latina a quem Nazareth (1995) oferece seu mais recente livro.

Por outro lado, há quem considere que

a essência da globalização não reside na economia, mas sim na emergência de novas formas e redes de sociabilidade e na afirmação das diferenças. Este é um ponto de vista que pessoalmente estou inclinada a compartilhar com Roland Robertson, da Universidade de Pittsburgh, EUA, - autor de alguns dos mais inovadores trabalhos na área, como o recente *Globalization - Social Theory and Global Culture* (1992) e a coletânea - junto com Scott Lash e Mike Featherstone - *Global Modernities* (1995). Ele lamenta que a discussão tenha ficado prisioneira da temática econômica, como se tudo se reduzisse à abertura ou à integração das economias nacionais ao mercado internacional, ou restrita aos seus aspectos mais ostensivos, como a Internet. E combate a visão economicista da globalização, que restringiria, segundo ele, o seu verdadeiro alcance.

O argumento básico de Robertson: a globalização contém elementos culturais e sociais que a economia não dá conta de explicar e tende a subestimar.

"Um dos preconceitos mais comuns, diz ele, está em pensar a globalização como um processo de 'standardização', de homogeneização, quando na verdade ela conduz à afirmação das diferenças e a interpenetração das culturas. A globalização é um fenômeno social objetivo, não um processo ideológico." Pensar apenas em termos de movimentação de capitais internacionais e abertura de mercados significa, na visão de Robertson, sucumbir a uma visão estreita, ideologizada, da globalização.

Do ponto de vista social, é preciso pensar também globalmente soluções para problemas gerados pela concentração de renda e falta de emprego.

Trata-se, portanto, de ver o processo não apenas pelo seu lado de superação dos estados nacionais, mas de emergência de novas formas de sociabilidade humana. Acontecimentos como as duas guerras mundiais devem ser lidos como aspectos do processo de globalização, assim como, mais recentemente, fenômenos como a Aids, o feminismo e a própria religião, cada vez mais distancia-

da do Estado. O combate à Aids, por exemplo, tem gerado pesquisas em todos os cantos do mundo, uma generalização muito rápida de todas as descobertas e a criação de redes internacionais de solidariedade, que chegam a formar uma espécie de subcultura. (IEA/USP, 1996)

A tendência à globalização da economia e à mundialização da cultura parecem estar repercutindo também na formatagem das campanhas eleitorais e, de modo geral, nas representações da comunicação política. Todavia, é possível detectar a existência de sentimentos coletivos que não se verbalizam em manifestos ou programas clássicos, mas que se exprimem numa prática - multiplicação de pequenos grupos de redes existenciais - que marca profundamente o corpo social.

“Assim, pode-se assistir a uma mass-mediation crescente, a um vestuário estandardizado, a um fast food invasor, e ao mesmo tempo, ao desenvolvimento de uma comunicação local (redes de cabos, tevês temáticas), ao sucesso de gamas de vestimentas específicas, de produtos ou de pratos locais, quando se tratar, em momentos particulares, de se reapropriar sua existência. . . . Pode-se imaginar um poder em vias de mundialização, bi ou tricéfalo, disputando-se e partilhando-se as zonas de influência econômico-simbólicas. . . e a proliferação de agrupamentos de interesses diversos, de “lobbies”, a criação de baronatos específicos, a multiplicação de teorias e de ideologias opostas umas às outras. De um lado a homogeneidade, de outro a heterogeneização.” (Maffesoli, 1995)

Vê-se, de um lado, o surgimento de novas relações interativas (reforçadas pelos multimídias e pelas superinfovias) e, de outro, o ressurgimento de relações tribais (a vida comunitária de certos grupos de teatro de vanguarda e dos subterrâneos da rua de Ulm, por exemplo).

Exemplos disso são o “teatro eurasiânico”

de Eugênio Barba, com sua busca deliberada de cruzamento de culturas e o “queer theatre” – um teatro que desestabiliza as noções tradicionais de identidade sexual. Outro exemplo: a existência de “sociedades secretas” que constituem verdadeiras redes alternativas de informação, mas também existenciais, porque o modo como seus membros se vestem, se alimentam, se relacionam atestam não só o desejo de se diferenciar como manter-se à margem do estabelecido. Um exemplo disso, aqui mesmo em Londrina, é a comunidade da Segunda Eva.

A globalização também se faz acompanhar de um processo de mundialização da cultura tais como a busca de universais da expressão humana graças aos quais poderia emergir uma cultura mundial. Ela conduz à afirmação das diferenças e à interpenetração das culturas.

Denomina-se universais da linguagem as similaridades existentes em todas as línguas do mundo. Alguns universais relevam da psico-lingüística à medida em que dependem da relação entre língua e pensamento humano; outros relevam da etnolingüística à medida em que dependem da relação entre língua e cultura.

A busca de universais da linguagem foi também perseguida pelos pesquisadores de Palo Alto que levaram a comunicação não verbal às últimas consequências – hoje, no entanto, abandonadas.

Mas o que nos interessa aqui e agora é que esse projeto foi retomado pelas pesquisas teatrais e muitos grupos passaram a perseguir, nas artes cênicas, a busca dos universais da linguagem: um teatro trans-inter-cultural que pudesse comunicar além-fronteiras, como música e pintura. Situam-se nessa perspectiva Eugênio Barba, Peter Brook, Tadashi Susuki, Ariane Mnouchkine, Bob Wilson e muitos outros que marcam as artes cênicas.

Talvez agora estejamos em condições de responder à questão do título.

A globalização – acentuada com a perestroika e a queda do muro de Berlim – é o desfecho de um processo em que se achava que a nova ordem mundial significava o

contraponto capitalismo/socialismo e o início de outro, iniciado com a Guerra do Golfo: a revolução informática, baseada na reorganização eletrônica da informação e comunicação. Concordo com Nazareth (1995:32) quando assinala que as NTIC tornaram "obsoletos aqueles conceitos de dominação de alguns anos atrás" e que "não é mais razoável atribuir uma possível penetração imperialista à televisão ou às agências de notícias".

Cabe, no entanto, perguntar o que restou do relatório MacBride, que devia nortear a Nova Ordem Internacional. Afora o fato de a NOII ser um projeto socialista, inserida no paradigma da teoria crítica da informação, os princípios que a norteavam permanecem intactos e atuais.

"O problema é que ela só tem focalizado a notícia e as análises críticas até agora limitam-se às agências de imprensa deixando de lado, salvo algumas exceções, os outros modos de produção da informação/comunicação. E o moderno conceito de informação inclui não só as notícias como também todo o tipo de transmissão de dados, seja por telefax, telefone, rádio e televisão, além dos modernos circuitos que interligam os bancos de dados computadorizados e as bibliotecas do futuro enquanto o sistema internacional de comunicação é integrado por agências de notícias, empresas de publicidade e bancos de dados, programas de rádio e televisão, filmes, radiofotos, revistas, livros, histórias em quadrinhos, videotextos e as novas tecnologias da informação e comunicação, que vão do satélite à Internet, dos macrossistemas de computação aos micro-computadores multimídias." (Bulik, 1990:155-156)

A Nova Ordem da Informação hoje é um projeto neo-liberal, que tende a globalizar também os desequilíbrios e as desigualdades. No que tange à globalização da informação o que se observa é a formatagem dos jornais e

dos produtos culturais. Exemplo disso é a nossa Folha de Londrina cuja diagramação copia a da Folha de São Paulo.

Todavia ao mesmo tempo que se detecta uma nova ordem informativa neo-liberal, não se pode extrapolar ao ponto de perceber a globalização pela ótica ideologizada e imputar todas as transformações a esse projeto neo-liberal. A nova ordem mundial é um fenômeno social complexo, em andamento, que não está sendo ditado apenas por necessidades de mercado, porém por uma nova consciência que está marcando a construção de um novo tipo de solidariedade social e nisso ela tem seus agentes de transformação e de modernização representados hoje em grande parte pelos excluídos.

Um desses agentes é, no caso do Brasil, os Sem-Terra, que hoje têm características de organização partidária embora não seja reconhecida como tal. A ação dos Sem-Terra opõe a legitimidade de seus direitos sociais "à legalidade iníqua que sustentam os interesses econômicos especulativos das oligarquias políticas."

Os episódios recentes, no Pará, que chocaram a opinião pública, foram imediatamente divulgados pela CNN, que deu ao episódio uma dimensão mundial, global. O mundo tomou conhecimento da existência de desafios arcaicos no Brasil moderno. O que é arcaico nesse episódio é a injustiça social não a ação dos excluídos que se organizam para sair do abandono em que se encontram (não têm sequer o amparo da lei e nem os mais elementares direitos do homem: moradia, saúde, escola, lazer, cultura, água potável . . .) Certamente um dos desafios para os países emergentes é a busca de formas de integrar à sociedade as tradicionais e as novas massas de excluídos.

No mundo globalizado o pêndulo oscila entre as forças de integração e fragmentação. A tendência, no campo social, é buscar parcerias como as que estamos observando com os países do Cone Sul. O perigo, hoje, são as forças da fragmentação representadas pelo nacionalismo, tribalismo, tradicionalismo, fundamentalismo, islamismo, terceiro-mun-

dismo e outras, pois “o intolerante sempre engendra o objeto de sua intolerância.”

“Globalização – o termo que define a economia dos anos 90 – é também ruptura. Rompem-se sistemas de referência, cartografias geo-políticas, alianças sedimentadas, conveniências lucrativas, tensões institucionalizadas, quadros de pensamento instrumentais. A globalização não é uma fato acabado, mas um processo em marcha.” (Ianni, 1992: 24)

As características da globalização serão definidas, nos próximos anos, com base no conflito entre as posições divergentes: pura homogeneização econômica ou defesa dos aspectos sociais e culturais.

A economia tenta impor os moldes de globalização. O que queremos incluir na discussão é a condição humana. É visão transmissiva de comunicação gostaríamos de ver se afirmar uma visão ritual de comunicação .

Bibliografia

BORGES, Jorge Luis, 1986, “A biblioteca de babel”, Ficções. Porto-Alegre-Rio de Janeiro, Globo, 4a. ed.

BULIK, Linda, 1990, Doutrinas da Informação no Mundo de Hoje. Loyola-Concitech-UEL.

ECO, Umberto, 1981, De Bibliotheca. Conferência pronunciada 10 de março de 1981, Milão.

IANNI, Octavio, 1992, A Sociedade Global. São Paulo, Brasiliense.

MAFFESOLI, Michel, 1995, La fin de l'idéal démocratique. Le Monde, samedi 28 janvier 1995.

MIÉGE, Bernard, 1995, La multi-dimensionnalité de la communication. Conferência de Abertura do INTERCOM/95, em Aracaju, de 4 a 8 de setembro de 1995.

NAZARETH FERREIRA, Maria e colaboradores, 1995, Globalização e Identidade Cultural na América Latina. A Cultura Subalterna no Contexto do Neoliberalismo. São Paulo, CEBELA.

ORTIZ, Renato, 1994, Mundialização e Cultura. São Paulo, Brasiliense. 2 ed.

ROBERTSON, Roland, 1992, Globalization – Social Theory and Global Culture.

ROBERTSON, Roland, Scott Lash e Mike Featherstone, 1995, Global Modernities.